

**PECADOS (DES)VIRTUALIZADOS:
A cultura de gênero compartilhada na idade mídia**

Paulo Vitor Giraldi PIRES¹ e Maria Cristina Gobbi²

Resumo

A “Confissão Digital” já pode ser considerada uma realidade. Este é um estudo de caso do site *Confessar.com.br*, criado em 2008, por anônimos. Busca-se compreender o comportamento comunicativo do indivíduo na estrutura da sociedade midiática, olhando para o cenário de tensão existente entre os campos religioso e midiático. O “sentimento de culpa” e a “necessidade de diálogo” podem estar contribuindo para uma maior exposição nas redes sociais. Tem-se como escopo indagar acerca do uso da internet como forma de experiência cultural entre emissores/receptores, a partir dos hábitos e atitudes nas interfaces da mídia e religião.

Palavras-chave: Comunicação Virtual. Religião. Cultura Participativa. Cultura de Gênero.

1 Introdução

O que leva alguém a relatar seus pecados a outras pessoas na internet? Hoje, a chamada “Confissão Digital” já pode ser considerada uma realidade dentro do mundo cibernético. A presente pesquisa se concentra na tentativa de compreender o comportamento comunicativo do indivíduo na estrutura da sociedade midiática, a partir de um olhar sobre o cenário de tensão existente entre os campos religioso e midiático. Este é um estudo de caso do site *Confessar.com.br*, criado em 2008, por anônimos, com o objetivo de ser um espaço aberto, onde os usuários, que não são identificados, podem postar e compartilhar com outros adeptos, os erros pessoais cometidos.

Como define MUNIZ SODRÉ (1990), o mundo atual pode ser visto como uma era da “Idade Mídia”. Desta forma, a internet é considerada um espaço de novas possibilidades, nas relações de gêneros culturais, religiosos, tecnológicos e sociais. O site, em análise, oferece um layout simples, categoriza os tipos de pecados, separa-os por meses/ano e, está em confluência com outras mídias como facebook e twitter. HENRY JENKIS (2009) caracteriza essa realidade como um processo que flui de uma “Cultura Participativa”, onde

¹ Bolsista CAPES. Jornalista e Mestrando do PPG em Comunicação Midiática – UNESP. Email: pvgiraldi@hotmail.com

² Professora Dra. Maria Cristina Gobbi, Pós-Doutora em Comunicação, docente da UNESP e orientadora do projeto. Email: mcgobbi@terra.com.br

o sujeito não só apenas é um consumidor de mídias, mas produtor de conteúdos e interactante com outros indivíduos no espaço virtual.

Diferente da prática da Igreja Católica, na Confissão Digital não existe uma absolvição dos pecados, por um padre. Neste caso, os próprios usuários se auto-ajudam, em uma espécie de “orientação digital comunitária”, própria de um contexto religioso imerso na solidão da vida online. Com base nos estudos de Mídia e Religião, busca-se uma compreensão acerca da influência da cultura religiosa no processo comunicativo midiático, na preocupação de investigar a construção da cultura mediada pelos gêneros, baseada no paralelo do sujeito passivo e ativo, na virtualidade.

O que se percebe, inicialmente, é que de forma confessional ou não, a cultura religiosa é um fator, ainda, determinante na vida das pessoas. A exemplo deste estudo, o “sentimento de culpa” próprio da religião e a “necessidade de diálogo”, têm levado as pessoas a uma exposição nas redes sociais. Este estudo, utiliza o método quantitativo e os estudos fenomenológicos de G. Van der Leeww (1933). Tem-se como escopo indagar acerca do uso da internet como forma de experiência cultural entre emissores/receptores, a partir dos hábitos e atitudes nas interfaces da mídia e religião. O estudo não pretende terminar aqui, mas abrir novas vertentes de pesquisa que possam colaborar para o aprofundamento da temática. Que seja o início de um diálogo tão necessário no contexto das angústias existenciais do ser humano que diante das possibilidades oferecidas pela virtualidade, tem deixado de viver o mundo real, por medo e preconceitos da atual sociedade, para aventurar-se em um universo vazio de sentimentos e recheado de pseudo-verdades.

2 DO CONFESSIONÁRIO A TELA DO COMPUTADOR

A história relata que os confessionários eram chamados de “casinha do padre”, pois ali os sacerdotes passavam horas, sentados, atendendo os fiéis que iam se confessar seus “pecados”. Não diferente desta interpretação, o confessionário, um lugar fechado e pequeno utilizado até hoje para o Sacramento da Confissão³, foi criado no período Barroco que

³ Fonte Wikipedia: a confissão, reconciliação, sacramento da penitência ou sacramento do perdão é um sacramento que envolve a remissão de pecados perante um padre (presbítero) ou bispo que neste momento atua em nome de Cristo, e o recebimento do perdão divino das faltas confessadas e de uma penitência

compreendeu o século XVI e meados do século XVIII – iniciado na Itália e, em seguida, chegou aos países católicos da Europa e da América. Os pequenos estantes e com estruturas semelhantes também são, atualmente, utilizados pelas Igrejas Anglicana e Luterana. Conta-se que havia uma orientação às pessoas que caminhassem perto do confessor: cobrir as orelhas com a mão, pois ali era um lugar de muito respeito e santidade.

A prática da confissão, ou o ato de confessar (contar algo em segredo) é comum em muitos trechos da Bíblia, onde o próprio Jesus desenvolve essa dinâmica de ouvir as pessoas e conceder-lhes o perdão dos pecados. O episódio narrado pelo evangelista Lucas, no capítulo 7, apresenta uma cena em que uma mulher conhecida como pecadora na cidade soube que Jesus estava na casa de um fariseu e, então, vai ao encontro Dele. Descreve São Lucas: “Ela trouxe um frasco de alabastro com perfume e ficando por detrás, chorava aos pés de Jesus; com lágrimas começou a banhar-lhe os pés, enxugava-os com os cabelos, cobria-os de beijos e os ungiu com o perfume” (BÍBLIA CATÓLICA, 1996, p. 1356).

A cena descrita pelo evangelista Lucas vem confirmar que desde então, o ser humano sempre teve essa necessidade de colocar para fora suas inquietações. A postura amorosa e acolhedora assumida por Jesus revela o sentido da confissão: acolher sem julgar ou condenar. Hoje, infelizmente o que se percebe é uma reafirmação cada vez mais constante da indiferença para com o outro. Já não se pratica o ato de ouvir ou mesmo o hábito do aconselhamento. Não necessariamente, a confissão está ligada somente a uma dimensão religiosa. Entre amigos, casais e na família também acontecem os desabafos, onde encontra-se ali, ou pelo menos deveria encontrar, um ombro que acolhe e ama, sem julgar.

Acreditamos, de acordo com observações preliminares, que para aqueles que procuram e encontram o site *Confessar.com* é essa sensação que se tem: um espaço onde se pode falar sem julgamentos prévios, não há preconceitos, onde todos são iguais e não se pode fazer condenações com base nos preceitos religiosos. Ali todos se encontram em mesma situação, a de “pecadores” ou no mínimo, se avaliarmos apenas o espaço, como um lugar onde é possível contar as angústias e dividir as culpas. O que está em jogo, acreditamos, é a vida de muitas pessoas que, nas páginas do site, relatam seus “pecados” que, muitas vezes, estão carregados de um sentimento de culpa e que ao mesmo tempo, querem receber um

(reparação de danos causados pelo pecado). É praticado na Igreja Católica, na Igreja Ortodoxa e em algumas comunidades religiosas da Igreja Anglicana. < Acesso em: 29 de set de 2012 >

aconselhamento, para sentirem-se aliviadas. O que vale é o seguinte ditado: “atire a primeira pedra quem não tiver nenhum pecado”.

2.1 A Confissão Digital

O *Confessar.com.br* possui uma estrutura simples e limpa, sem muitas referências que dê a entender que seja um espaço de cunho religioso. Talvez a proposta seja justamente a de não fazer alusão a qualquer religião. Porém, no cabeçalho existe a figura de um jovem, em uma atitude de confissão com uma pessoa que, aparentemente, e pelas vestes, representa um padre. Ao centro do cabeçalho da página, vem a seguinte explicação do que seria uma confissão: *Em latim: "confessare" = Declarar o que se fez ou que se pensa; dizer os pecados ou erros a um confessor; declarar-se, reconhecer-se.* E logo abaixo vem o convite: *Quando você se confessou? Confesse agora! Totalmente Anônimo!*

O site se apresenta como um espaço de “confissão anônima” e para contar algo na página, basta clicar no link “Confesse agora”, que uma tela é aberta, contendo as orientações básicas de utilização do site. *Você tem um segredo e nunca pôde contar a alguém sobre ele e sofre por isso? Desabafe para o mundo e se liberte dessa angústia. Mas, como tudo na vida, existem regras para isso.*

Os usuários que desejam postar ou comentar as publicações devem se cadastrar ou não poderão utilizar o espaço. Então, são apresentadas aos visitantes algumas regras que norteiam o uso do espaço, como por exemplo, a proibição do uso de palavrões ou expressões vulgares, a citação do nome de pessoas, empresas ou entidades, mentiras, confissões que não envolvem quem está postando, entre outras. São orientações mínimas que tentam estabelecer uma regra harmônica de convivência virtual, primando, ainda que de forma muito simplória, pelo respeito entre os usuários. O site não se considera como um uma entidade de ajuda e deixa claro: *Caso precise de ajuda profissional, procure um especialista.* De acordo com as informações na página, o *Confessar.com* foi criado como o intuito de libertar as pessoas de alguns segredos que as incomodam por meio de um espaço para o desabafo, que podemos chamar de primeira ajuda. Também é esclarecido aos usuários, a existência de moderadores que avaliam as postagens antes de serem publicadas

na página. Desta forma, evita-se que as confissões que fujam as regras de convivência do site, sejam postadas.

Essas descrições apresentadas do site são justamente para situar o objeto o qual se investiga. Não temos a intenção de analisar a plataforma em si, nem os mecanismos de funcionamento desta página ou o seu conteúdo, mas o que está por detrás dessa exposição por parte dos usuários que acessam o *Confessar.com* para contar os seus segredos mais íntimos a outras pessoas. Nosso olhar se concentra na possível cultura de gênero compartilhada na internet e os embates vividos no atual cenário da mídia e religião. Por outro lado, pretendemos desvendar pistas que nos ajudem a compreender a postura comunicativa do atual sujeito midiático e suas contribuições na experiência cultural e de gênero.

2.2 A cultura religiosa em convergência

Circula no facebook, na página chamada “Vasto Mundo”, uma imagem que retrata bem como seria a possível confissão em tempos da internet. Veja:

FIGURA 1 – CONFISSÃO NA ERA DIGITAL
A mudança cultural na prática religiosa



Fonte: VastoMundo

Ainda que de forma descontraída, a charge representa o possível e atual momento vivido pela cultura religiosa no contexto da cultura midiática. Existe aí, uma similaridade da proposta do site *Confessar.com* que abre esse espaço na internet para que os usuários possam contar os seus segredos.

Esse cenário da religião inserida no contexto da virtualidade pode ser compreendido a partir do pensamento de Henry Jenkins (2009) que define essa era como sendo a da “Cultura da Convergência”, que segundo ele, não se trata apenas de uma revolução nos campos do conhecimento e das tecnologias de comunicação, mas, principalmente, uma mudança no comportamento de cada indivíduo, na forma de pensar e agir no mundo. “A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias, indústrias, mercados, gêneros e públicos” (JENKINS, 2009, p. 43). Assim como as instituições foram afetadas pelas novidades do mundo cibernético, a cultura da Igreja Católica não escapou as diversidades da virtualidade que, de certa forma, tem ameaçado as estruturas ideológicas e de fé.

[...] Lo religioso es más visible pero al mismo tiempo, en muchos casos, está en decadencia. Estamos asistiendo más a una reformulación de lo religioso que a un retorno de las prácticas ancestrales abandonadas durante el paréntesis de la secularización. Estas tendencias van de la mano de un deseo de mayor visibilidad en el espacio público, incluso de una ruptura ostensible con las prácticas y las culturas dominantes. (OLIVER ROY, 2010, p. 22)

É válida a observação de Oliver (2010) quando aponta que, hoje, o religioso está mais em evidência. Talvez seja por consequência das novas possibilidades das tecnologias de comunicação, especialmente as digitais. Mas, por outro lado, o autor também reflete que nem mesmo toda essa maior visibilidade, tem impedido que a religião viva uma fase de “decadência”. Os confessionários vazios e as clínicas de psicologia e psiquiatria cada vez mais cheias atestam que a cultura religiosa vive um momento de profunda transformação. As pessoas, em sua grande maioria, estão buscando ajuda fora Igreja, já que, muitas vezes, a própria instituição não está respondendo aos anseios do ser humano e as suas necessidades.

A convergência relatada por Jenkins (2009) também é identificada por Oliver (2010) no campo da religião, onde ele observa que “(...) las conversiones que funcionan em todas las direcciones son um buen indicio de esta difuminación del vínculo entre cultura y religión”. (OLIVER ROY, 2010, p. 22). De fato, não dá para negar o rompimento entre a cultura religiosa e cultura do povo, especialmente nesta era do virtual. A experiência cultural do indivíduo não depende, necessariamente, de uma prática ideológica ou doutrinal. A cultura está enraizada dentro de cada pessoa, a partir de suas vivências. Já não cabe mais a religião, o domínio do fenômeno cultural, nesta era cibernética. A cultura roubada e dominada, hoje, ganha uma liberdade de ser o que é como aponta Terry Eagleton (2011):

A religião, que forja uma relação entre nossa experiência mais íntima e as questões mais fundamentais da existência, como por exemplo, por que existe alguma coisa ao invés de apenas nada, serviu em sua época extremamente bem a esse propósito (EAGLETON, 2011, p. 62).

Eagleton (2011) continua defendendo que o papel da cultura vai além de garantir a permanência de certos estereótipos ou mesmo em ocupar a função de promotora das verdades ideológicas.

A cultura no sentido mais especializado, criatura frágil que é, está muito menos robustamente equipada para realizar essas funções; e quando se espera demais dela – quando é requisitada a se tornar um pobre substituto para Deus, para a metafísica ou para a política revolucionária -, ela bem pode começar a revelar sintomas patológicos. (EAGLETON, 2011 p. 62)

O site *Confessar.com* é reflexo de uma cultura de gênero que aos poucos tem buscado uma independência, fora dos padrões religiosos que, ainda, possuem uma penetração na vida da sociedade. Buscando ser um espaço de libertação do ser, esse possível “confessionário virtual” tem sido uma opção para pessoas que querem desabafar suas angústias, sem que alguém as julgue; não deixando de ser uma verdadeira experiência cultural.

2.3 A cortina virtual e o penitente

É sentado na cadeira, porém diante da tela do computador, que o penitente escreve seus pecados na página da internet. A tecnologia neste caso torna-se a grande aliada, possibilitando ao sujeito um recolhimento no mundo virtual, que ao mesmo tempo o leva para a realidade. Por outro lado, existem as possibilidades do anonimato. Pode ser o motivo pelo qual o site *Confessar.com* tem conquistado tantos seguidores.

Na “Confissão Digital”, a figura do padre, como um ouvinte atento, dá lugar ao espaço em tela disponibilizado pelo site, onde é possível escrever e descrever os sentimentos. A fala sussurrada do penitente é substituída por caracteres.

É importante relatar certas similaridades observadas entre os dois modelos de confissão - tradicional (real) e o virtual. Por exemplo, a cortina que preserva a identidade do pecador ou escondia o padre (depende do olhar do observador), pois é, o misterioso tecido roxo, expressão de penitência, continua a existir na realidade da confissão digital. Já a janela (*grelha ou látice*) em madeira que não permitia o contato nítido entre o padre e o confessor, ganha vida na virtualidade e no anonimato do confessor em suas formas de presença. É através dos milhares de pixels que se constroem e reconstroem imagens e, estes, projetam o sujeito dentro da perspectiva homem e máquina, no ciberespaço, objetivando trazer desse não espaço real o contexto da presença e do ambiente da interação.

Pronto, é hora de iniciar a confissão. Então, basta acessar o site e preencher os campos indicados. Mas o que as pessoas revelam na internet? Em um levantamento inicial, constata-se 33 categorias de pecados, que vão sendo classificados pelo site, à medida que aparecem, mais frequentemente, nos relatos dos usuários. São eles:

TABELA 1 – CATEGORIAS DE PECADOS
Classificação utilizada pelo site Confessar

Intimidade	91
Diversos	67
Pessoal	54
Infidelidade	51
Homossexualidade	48
Amor	36
Namorado/a	29
Fatos Sérios	23

Esposo/a	17
Familiar	16
Casa e Família	15
Religião	14
Emprego	12
Ódio	12
Internet	9
Obsessão	7
Amizade	6
Drogas e Vícios	5
Engraçado	5
Medos e Fobias	5
Escola	4
Inveja	4
Violência	4
Esoterismo	2
Estranho	2
Gula	2
Livros	2
Vingança	2
Animais	1
Esportes	1
Repugnante	1
Saúde	1
Vizinhos	1

Fonte: Confessar.com.br

Grande parte das angústias descritas no site está relacionada à intimidade e a vida pessoal, sendo as categorias com mais relatos. Na sequência, estão a infidelidade e a homossexualidade, também apresentam uma quantidade significativa. Ou seja, percebe-se que é através do computador que o sujeito se sente libertado de determinados valores, alguns culturais, muitas vezes impostos pela sociedade da qual ele faz parte, e de alguns dogmas, frutos da religião que ele escolheu. Por outro lado, também é possível observar a ausência de alguns valores importantes para o pleno convívio em sociedade ou em outros casos, a partir da confissão, o seu autor se considera um pecador, mesmo que a culpa que ele se atribui seja fruto de alguns valores sociais, não necessariamente ligados à opção religiosa.

Vale, então, resgatar o conceito etimológico da comunicação, que traz a ideia de “tornar comum”, partilhar experiências e estabelecer contatos, enfim, tornar-se participante

mediante a uma interação com outros sujeitos. O que se percebe no site *Confessar.com* é um desejo das pessoas em se comunicar. Esta necessidade é explicada por Juan E. Díaz Bordenave (1983):

Processo tão natural como beber água ou caminhar, a comunicação é a força que dinamiza a vida das pessoas e das sociedades: a comunicação excita, ensina, vende, distrai, entusiasma, dá status, constrói mitos, destrói reputações, orienta, desorienta, faz rir, faz chorar, inspira, narcotiza, reduz a solidão e – num paradoxo digno de sua infinita versatilidade – produz até a incomunicação. (BORDENAVE, 1983, p. 9)

Contudo, o que se percebe nesta era de tantas opções midiáticas, especialmente as digitais, é uma (IN)comunicação. Diferente do que inspira Bordenave (1983), de que a comunicação “reduz a solidão”, hoje, o que se constata é uma crise existencial (crise comunicacional) pela qual está passando o ser humano. Se o homem das cavernas já manifestava suas inquietações, agora não é diferente com a geração midiática digital, que mesmo vivendo outros tempos, amparados por múltiplas possibilidades de comunicação, nos mais variados espaços e com tecnologias ultramodernas, se vê diante de prisões ideológicas, muitas delas associadas às questões da sexualidade ou preso a dogmas que já foram discutidos e rediscutidos pelas várias religiões.

Estudos de Eve Kosofsky Sedgwick (apud MISKOLCI, 2009, p. 171) constata que nos fins do século XIX, existia uma espécie de regime de controle sobre a sexualidade humana que levava as pessoas a um aprisionamento interno, passando a viver como que trancadas em “armários”. Daí, a expressão “sair do armário”, também pode significar uma maneira de se libertar daquilo que aprisiona, seja por sentimentos, pessoas ou coisas.

No presente, indivíduos “no armário” se deparam com um cenário distinto graças à internet. A possibilidade de estabelecer contato sem exposição alçou a rede a um papel central na vida de boa parte destes sujeitos, a ponto de muitos nem conseguirem se imaginar “desconectados”. A era da internet parece tê-los libertado da maioria das restrições do armário[...] (MISKOLCI, 2009, p. 172).

Nesta perspectiva, Richard Miskolci (2009) aborda de forma interessante como a internet tem sido uma porta aberta para que as pessoas expressem seus desejos secretos e ao mesmo tempo, se representem no espaço virtual, a partir do mundo real. Mesmo se

pensando que na internet existe um “outro eu” no anonimato, com pseudo-nomes e identidades (avatars) diferentes daqueles do cotidiano. Por detrás deste esconderijo, que é tela do computador, há um humano tentando ser o que é ou o que gostaria de viver.

2.4 A cultura de gênero em libertação

Caminham no universo do ciberespaço dois sentimentos: o desejo e a solidão. Esses são predominantes nos relatos do site *Confessar.com*, em que pessoas revelam estarem se sentindo sozinhas, sem um amor, e por isso, acabam fazendo escolhas que não as deixam felizes. É também neste espaço virtual que muitos encontram a chance de expressar os sentimentos reprimidos. A cultura de gênero composta por homens e mulheres com suas multifaces, parece estar se libertando das amarras religiosas e de alguns dogmas ainda presentes no cotidiano da vida em sociedade.

Um caso comum e bastante visto no site são as confissões de pessoas que sentem atração por pessoas do mesmo sexo. Mas esse desejo, até então, não poderia ser manifestado publicamente. Agora, pela internet isso é possível, o que não resolve o problema de quem se sente excluído socialmente, por ter suas escolhas ou preferências diferentes dos padrões da coletividade em que ele vive. Nasce aí um embate entre a mídia e a religião. O que a Igreja reprime e condena e o virtual, aparente, liberta e incentiva.

O depoimento abaixo retrata a angústia de uma pessoa que se vê condenada pela religião:

Faço parte de uma comunidade católica sempre, mas eu estou precisando desabafar o que tem me sufocado e não sei se posso confiar nas pessoas. Tenho medo da repressão, do julgamento, da exclusão por parte de pessoas. Mas reconheço que preciso de ajuda. Sou casado, tenho 43 anos e desde minha adolescência tenho lutado contra o desejo desenfreado por sexo. (CONFESSAR, 2012, p. 1)

Diante disso, reafirma os pensamentos de Roso; Strey; Guareschi; Bueno (2002), que esta é uma relação de opressão, a partir de um olhar da minoria. Ou seja, prevalecem as regras ditadas por um grupo e por algumas instituições, uma vez que a maioria acaba tendo que, apenas, obedecer.

As pessoas não podem ser como querem; têm que ser como a maioria (e.g., casar com uma pessoa do sexo oposto; não abusar de drogas ilícitas), ou serão consideradas desviantes, inadaptadas ou marginais. Nessa relação de opressão, os estereótipos surgem e se cristalizam. (ROSO, STREY, GUARESCHI, BUENO; 2002, p. 78)

Fica clara a tensão existente entre a cultura de gênero e a religião, onde a dimensão divina, ainda, continua a distribuir as regras desta sociedade, uma vez que não cabe ao Sagrado a função de ditador. Em outros depoimentos, como de um jovem, é visível essa relação de “algoz e condenados” que, ainda, infelizmente prevalece em muitas religiões. No relato, o jovem pede perdão a Deus por praticar a masturbação individual, o que ele acredita ser pecado. Este caso é semelhante à de tantos outros jovens que entram na página, mostrando arrependimento por estarem vivendo um tipo de sexualidade considerada como “errada”, pecaminosa. O que chama a atenção no relato do jovem descrito acima é a forma como ele termina sua confissão: “Sou solitário, não tenho muitos amigos ou amigas. Só queria ter uma garota que me amasse”.

O problema do jovem seria facilmente resolvido se fosse apenas o fato de estar solitário, mas não. Em “As narrativas e o processo de recriação do sujeito”, de Anastácio e Nunes (2008), os autores observaram algo interessante que vem acontecendo com o ser humano: a vida limitada por crenças.

Um fato a registrar é que as pessoas continuamente organizam suas histórias, ratificando sempre o mesmo significado a elas emprestado em algum momento de sua história. Ao fazê-lo, percebem que muitos papéis desempenhados em suas vidas estão bloqueados por memórias e percepções contaminadas por crenças limitantes, as quais lhes restringem a ação. E, como as pessoas significativas da vida de cada um, muitas vezes, validaram ou validam essas histórias dominantes, tendem a deixar de lado outras experiências que não combinam com as referidas crenças. (ANASTÁCIO; NUNES, 2008, p. 23).

Perceb-se, que mesmo diante da sociedade midiática, ainda são determinantes os fatores da crença, estes muitas vezes limitam a experiência cultural dos indivíduos.

3 Pecados (Des)virtualizados

Na idade média até o pecado ganha uma nova roupagem, se transforma em *bits* e *pixels*, basta ligar a webcam e se exibir na tela do computador. Mas, virtualizados ou não, o

fato é que todo ser humano possui suas limitações. Independente da definição do que seja um “pecado”, se foi criado pela religião ou não, ele está solto por aí. O ser humano traz consigo o sentimento de culpabilidade e, por isso, tem necessidade de redenção.

Resgatando os pensamentos de Santo Agostinho, Miskolci (2009) explica que o ser humano em determinado momento da história, vem travando embates com sua sexualidade. Muitas delas, por influência da religião que exerce uma pressão sobre o indivíduo que tem vivido com sentimentos de culpa, por aquilo que a Igreja considera como prática errada (desordenada). Por outro lado, as teorias Agostinianas vão dizer que tudo não passa de uma luta espiritual, a ser vencida. Sendo assim,

A teologia moral de Agostinho problematizou o desejo de forma a ver no interior dos sujeitos uma luta espiritual que exigia um constante auto-exame, uma hermenêutica do sujeito em que só se alcançaria o domínio de si por meio da vitória definitiva com relação à vontade. O eixo desta luta espiritual contra a impureza estaria em descobrir a verdade sobre si mesmo e vencer as ilusões. (MISKOLCI, 2009, p. 172).

É diante dessas lutas íntimas, que o virtual é visto como esse espaço de gerar possibilidades e, ao mesmo tempo, abrir portas e janelas para alma. O que estava na prisão, parece ganhar forças para uma liberdade do ser. O mundo físico carregado de ideologias e crenças é confrontado por uma nova experiência: a da virtualidade do ser. “A meu ver, não se pode duvidar de que haja um mundo real, uma experiência exterior ao ser humano, independente dele e de sua consciência”. (KOLB, 2001, p. 20). Assim, o pecado passa a ser uma experiência cultural aliada a existência humana, onde o virtual já se tornou uma realidade única, a força e a esperança e, de fato, a força efetiva e a coragem que falta ao ser humano para ser o que é, longe das regras que o aprisionam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse texto integra uma parte dos estudos que temos empreendido no Programa de Pós-Graduação em comunicação Midiática da Unesp no sentido de compreender os espaços virtuais e reais diante da comunicação e da virtualização da Igreja, especialmente a Católica. Não há, em nenhum momento, a intenção de pré-julgar, de definir conceitos de certo ou errado, uma vez que por serem juízos de valor, variam de acordo com a sociedade onde são definidos e estudados, além das relações estabelecidas nesses lugares de

mediação, quer com a Igreja ou com os espaços sociais (reais ou virtuais), onde os fatos ocorrem.

Desta forma, o que nos motivou para a realização dessa investigação foi a compreensão da maneira pela qual os espaços virtuais tem determinado ou possibilitado novas formas de interação e de comunicação entre o “sagrado e o profano”, ampliando os ambientes de diálogo, além de criarem alternativas para o estabelecimento do processo de comunicação para além de “valores determinados” pela sociedade e pelas instituições que as mantêm.

O que observamos foi que a cultura religiosa presente na sociedade real, no espaço virtual ganha outra fisionomia, mas não perde a força dos valores cultivados ou inculcados nos cidadãos. Porém, na internet há um aparente anonimato, que acaba estimulando a revelação dos atos considerados como “pecados”, embora o fato de estar ou interagir online não isente da culpa os “pecadores” e por isso o espaço do confessor virtual abriga dados dos mais variados e “confissões” de todos os níveis. Ainda que o Sacramento da Confissão presencial e o próprio espaço da web estejam permeados pelos conceitos da individualização, o fato de poder contar e receber o perdão sem a necessidade de estar presente estabelece uma nova relação de comunicação, ampliado pela análise do texto do “pecado” por outrem, que vai, primeiramente, definir se o confessor infringiu, de fato, uma regra, quando então “permite” que sua confissão seja disponibilizada no espaço web, estabelecendo um processo de comunicação, onde o primeiro *feedback* é a aceitação da ocorrência.

Assim mesmo, o que se percebe é que há necessidade da comunicação, do contar ao outro (confessar), na certeza que a partir disso, do conhecimento do outro sobre os atos realizados, haverá uma divisão da culpa, permitindo um aparente alívio para a dor e para a consciência. Percebe-se nessa investigação que é no espaço virtual que as pessoas estabelecem uma relação com o outro, em uma busca da não solidão e do alívio para o peso daquilo que carregam (sozinhas) como culpa, procurando formas de expressar sentimentos reprimidos. Um das características marcantes observadas nos dados disponibilizados no site *Confessar.com.br* diz respeito à homossexualidade, que encontra nesse espaço um local de abertura e de perdão, como se a opção sexual pudesse determinar outros valores e que a confissão apadrinhasse a opção feita no mundo real. Igualmente, verificamos que o espaço

de confissão digital relacionado a esse tema, oferece ao confessor um abrigo, capaz de camuflar a verdadeira identidade e neste sentido ele está seguro para abrir seu coração, sem pré-julgamentos, estabelecendo uma diferenciação entre os espaços virtuais e reais, como se fosse possível ter duas personalidades, uma para cada mundo vivido ou, em alguns casos, uma que é aceita (virtual) e outro que é contestada (real).

Finalmente, unindo o “sentimento de culpa” e a “necessidade de diálogo”, bem como os ambientes de socialização do sujeito (real e virtual) é possível observar que os espaços virtuais contribuem para uma maior exposição dos sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTÁCIO, Sílvia. M. G; SILVA. Célia. N. **As narrativas e o processo de recriação do sujeito**. A semiótica das metáforas. 2. ed. rev. Salvador: Edufba, 2008.

_____. **BÍBLIA CATÓLICA**. Ed. 104. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1996.

DIÁZ BORDENAVE, Juan E. **Além dos meios e mensagens**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2009.

KOLB, A. **Antologia e antropologia virtuais**. In KOLB, A.; ESTERBAUER, R.; RUCKNBAUER, H (orgs.). **Ciberética**. Responsabilidades em um mundo interligado pela rede digital. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MENDONÇA, Antonio. G. **Fenomenologia da experiência religiosa**. In CASTRO, Dagmar. S. P.; ÁZAR, Fátima. P.. N.; PICCINO, Josefina. D.; JOSGRILBERG, Rui. S.; (orgs.). Fenomenologia e Análise do Existir. São Paulo. Sobraphe, 2000.

MISKOLCI, Richard. **O Armário Ampliado** – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Disponível em: <http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/OArmarioAmpliadoRichardMiskolci.pdf>. Acesso em 25/09/2012.

ROSO, Adriane; STREY, Marlene. N.; GUARESCHI, Pedrinho; BUENO, Sandra. M. N. (orgs.) **Cultura e Ideologia**: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n2/v14n2a05.pdf>. Acesso em 20/09/2012.

ROY, Oliver. **La Santa Ignorancia**. El tiempo de la religión sin cultura. Barcelona: Ediciones Península, 2010.

SODRÉ, M. **A máquina de Narciso**: televisão, indivíduo e poder no Brasil. São Paulo: Cortez, 1990.